

JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre 500 réis
Com estampilha 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio
avulso 20 »

DIRECTOR E PROPRIETARIO

AUGUSTO DA COSTA E PINHO

Redacção e administração — LARGO DA PRAÇA — Ovar

Impressão e composição — **TYPOGRAPHIA PENINSULAR**
Rua de S. Chrispim, 18 a 28—PORTO

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal. 60 rs. cada linha
Anuncios e comunicados . . . 50 » »
Repetições 25 » »
Anuncios permanentes, contracto especial
25 p. c. de abatimento aos srs. assignantes

A ALLIANÇA INGLESA

IX

Succede a revolução de Setembro de 1835.

A rainha e a sua cõrte haviam sido colhidas de improviso pelos acontecimentos, que talvez mais ou menos previssem, mas que não esperavam tão cedo. Por isso se resignaram, aparentemente, ás imposições dos radicaes, mas acariciando desde logo um pensamento de reacção que restaurasse a Carta.

«Van der Veyer (1), diz Oliveira Martins—*Portugal Contemporaneo*—, poz, portanto em execução as instruções que trazia. Tutor dos jovens, obedientes monarchas (2) metteu mãos á obra. Seria um golpe d'Estado rapido, a que tudo se submetteria,—mas o belga, tendo estudado Portugal, estudara pouco a inteireza do animo heroico do seu ephemero dictador (3). Não fosse elle o plano teria vingado. Tudo estava combinado com o rei Leopoldo que mandaria tropas suas mas emquanto não chegavam, Palmerston, de accordo,—porque a rainha Victoria adorava o tio,—pozera ás ordens uma esquadra com tropas de desembarque, fundeada no Tejo. Nada se faz sem dinheiro: Portugal não o tinha, e claro está que havia de pagar o preço da sua educação liberal. A Belgica adiantava o necessario, mas com penhor,—porque os belgas são seguros e mercadores; e o penhor seria uma das possessões de Africa. (Sá, *Lettre au comte Goblet*, etc.) Oh, pobre Portugal, mandado por todos, ludibrio das gentes, triste nação já saqueada do que possuis no Oriente, para ganhares a dynastia brigantina, e agora ameaçado de perderes a Africa, para conservares os teus reis liberaes.

Concertado pois o plano sob estas condições, resolveu-se o golpe contra-revolucionario para o dia 3 de novembro. Effectivamente nesse dia, pela tarde, a rainha e a cõrte foram para Belem, e logo após ali se reuniram os chefes cartistas e os regimentos da guarnição sob as ordens dos generaes. Os marinheiros ingleses desembarcariam dos navios da esquadra, arrumados á terra em frente de Belem. A guarda nacional, por em armas, occupou vários pontos estrategicos e isolou Belem com a sua cõrte e os seus conspiradores cosmopolitas.

O ministro cartista estava nomeado; mas os setembristas nem se consideravam demittidos nem se mostravam resolvidos a pactuar com o paço como ahi esperavam e desejavam. O dia 4 de novembro amanheceu mal—o assassinio de Agostinho Freire, que o povo suppunha favoravel á reacção. Este facto barbaro revelava claramente a unanimidade da opinião contra o paço e contra as influencias estrangeiras que imperavam na cõrte. Manuel Passos, idolo do povo, era verdadeiramente o rei da situação, como lhe chamou o proprio D. Fernando. Deste modo medido o perigo do momento, re-

considerando-se sobretudo sobre a iniciativa violenta e aggressiva do paço, que não encontrara a adhesão esperada e que ia conduzir, se persistisse, a uma inevitavel lucta armada.

Assim era preciso não arriscar tudo numa cartada imprudente, além de que o paço não conseguiria impôr a sua supremacia emquanto o povo continuasse armado pelo systema da guarda nacional. Esta tropa civil e domagógica tinha que desaparecer primeiro.

Os conselhos dos prudentes estrangeiros calaram no animo da rainha e no de seu augusto esposo.

Passos estava em Campo de Ourique á frente da guarda nacional, formada em ordem de batalha, quando do paço o chamaram.

«Passos entrou no palacio, escreve Oliveira Martins, e dir-se-hia que voltavam essas antigas scenas da Edade-Media,—quando os tribunos da plebe iam á frente dos monarchas. Em volta da rainha estavam o rei, e os diplomatas, e os pares do reino, os conselheiros d'Estado, a infanta D. Isabel Maria, e a imperatriz viuva. Era toda a cõrte reunida,—para ouvir, para condemnar, para seduzir? Era toda a cõrte, perante o homem de Bouças, rei verdadeiro de Lisboa. Passos curvou-se, beijou a mão da rainha, e esperou que lhe dissessem o que d'elle pretendiam.

«Então, pela soberana, falaram,—quem? O seu ministerio dos finados? Não. O inglês Howard, o belga Van der Veyer; e só depois dos estrangeiros Villa-Real, Lavrodio e Palmella no fim As falas eram mansas; não se alludia ao ministerio dos finados, porque a attitudde de Lisboa, de manhã, infundira medo. Tratava-se de seduzir, não de ameaçar. Sua Magestade não podia consentir na abolição da Carta, mas estava decidida a reforma-la (1): *entretanto o inglês affirmava que o seu governo não toleraria em Portugal a constituição quasi republicana de 1820*. Involuntariamente os olhares dirigiam-se para o rio, onde o vento soltava a bandeira vermelha da Inglaterra na pópa das suas naus. E do lado da rainha todos continuavam a não extranhar a figura de ilotas que faziam».

Manuel Passos resistiu á meliflua captação e respondeu dignamente ás farroncas do bretão, mas não se mostrou de maneira alguma ameaçador para a rainha, antes mostrava, elle o sincero visionario que ainda se propunha harmonisar a democracia com a realza, elle o racionalista classico que, rei, idolo do povo, se offercia depois sticamente ao sacrificio da sua popularidade e da propria vida para salvar a rainha, como um cavalleiro andante,—antes mostrava, diziamos, um desinteressado e sincero desejo de conciliar as coisas e tornar popular e amada a rainha, confessando o seu profundo desgosto pela maneira por que tudo caminhava.

A revolução não pretendia atacar o throno, mas apenas visava a restabelecer o principio da verda-

(1) Nunca se reformou, o que demonstra que taes promessas feitas pela realza em horas de panico, não passam de mystificações destinadas a illudir os incautos que creem na sinceridade dos reis em materia de liberalismo e democracia.

deira origem da auctoridade—a soberania popular. Socogasse Sua Magestade que o povo não lhe queria mal; chaveria duas camaras, *veto* absoluto e direito de dissolução—» como na Carta. Será como na Belgica, dizia a Van der Veyer: não podereis condemnar. (Oliveira Martins—*Portugal Contemporaneo*).

Não podia haver melhor espirito do conciliação—Passos ia até além do que lhe permittia a coherencia das suas proprias opiniões. Por fim exhortava a rainha a que repellesse as offeras de apoio e auxilio da Inglaterra, que, não as accetando, Portugal deixaria de ser uma perfeitura britannica e o seu soberano uma especie de commissario das ilhas jonias; convidava a rainha a ir para o Campo de Ourique, onde veria que amor lhe tinham os subditos; e aos generaes, em ultima instancia: «A Inglaterra ameaça-nos: ninguem se deshonrará. O vosso lugar é no Campo de Ourique, á frente dos portuguezes que ahi defendem a honra da patria» (Oliveira Martins—*Portugal Contemporaneo*).

Pobre visionario! Nem a rainha foi ao Campo de Ourique, nem ouve batalha, porque não foi precisa. A rainha submettia-se para reinar. Nessa noite de 4 de novembro desembarcaram os marinheiros ingleses sob o pretexto de virem proteger a rainha. Foi imprudencia que lhe podera ter custado cara, tanto mais cara, tanto mais que os ingleses desembarcavam quando menos se justificava a sua intervenção. Na manhã de 5 foi um pasmo geral:—a guarda nacional abalou de Campo de Ourique sobre Belem. «E se lá chegasse a ir, ai da rainha e de todos!» (Oliveira Martins). Valeu Manuel Passos que, a cavallo, sobre a ponte de Alcantara, gritava, impedindo a passagem á multidão armada.—«para Belem não se passa, senão por cima do meu cadaver!» E tudo se acalmou. Os ingleses reembarcaram, o ministerio setembrista foi restabelecido, e as constituintes promulgaram a constituição de 1838, que era a de 1822 modificada.

Momentaneamente transigia a rainha, que queria reinar. A reacção viria depois, pouco a pouco, mansa, subrepticia. A constituição de 1838 e o setembrismo estavam irrevogavelmente condemnados.

Afonso Ferreira.

Não te amo

Não te amo, quero-te: o amar vem d'alma.
E eu n'alma—tenho a calma
A calma—do jazigo.
Ail não te amo, não.

Não te amo, quero-te: o amor é vida.
E a vida—nem sentida
A trago eu ja commigo.
Ai, não te amo, não!

Ail não te amo; não; e só te quero
De um querer bruto e fero
Que o sangue me devora,
Não chega ao coração.

Não te amo. Es bella; e eu não te amo, ó bella.
Quem ama a aziaga estrélla
Que lhe luz na má hora
Da sua perdição?

E quero-te, e não te amo, que é ferçado,
De mau feitiço azado
Este indigno furor.
Mas oh! não te amo, não.

E infame sou, porque te quero; e tanto
Que de mim tenho espanto,
De ti medo e terror. . .
Mas amar! . . . não te amo, não.

Garrett

NÃO ES TU

Era assim, tinha esse olhar,
A mesma graça, o mesmo ar,
Corava da mesma cõr,
Aquella visão que eu vi
Quando eu sonhava de amor,
Quando em sonhos me perdi'

Toda assim; o porte altivo,
O semblante pensativo,
E uma suave tristeza
Que por toda ella descia
Como um veo que lhe envolvia,
Que lhe adoçava a belleza,

Era assim; o seu fallar,
Ingenuo e quasi vulgar,
Tinha o poder da razão
Que penetra, não seduz
Não era fogo, era luz
Que mandava ao coração.

Nos olhos tinha esse lume,
No seio o mesmo perfume,
Um cheiro a rosas celestes,
Rosas brancas, puras, finas,
Viçosas como boninas,
Singelas sem ser agrestes.

Mas não es tu . . . ai! não es:
Toda a illusão se desfez . . .
Não es aquella que eu vi.
Não es a mesma visão,
Que essa tinha coração,
Tinha, que eu bem lh'o senti

Garrett.

Notas scientificas

O SOL

Quando em 1853 em Coimbra compuz o *Firmamento*, não podendo conceber, que um globo qualquer do espaço se não movesse, e não fosse a rotação uma lei geral não só para cada planeta, mas para cada familia ou systema de mundos, me convenci de que o sol com a terra e os outros globos do seu dominio giravam tambem á volta de um centro desconhecido, e egualmente as nebulosas, que são agglomerações de soes e de mundos em via de formação e já formados e d'ahi os versos.

O' terra, e tu que geras nas entranhas,
Meu ser, o ser humano,
Que és tu com teus vulcões, tuas montanhas,
E o soberbo oceano?
E's um grão d'areia arrebatado
Por esse immenso turbilhão de mundos
Em volta de seu throno alevantado
Do universo nos seios mais profundos!

Aqui o throno divino representa o centro da rotação universal.

Como esta são outras inducções, de que não era capaz um espirito sem nenhuma instrucção, que o habilitasse a taes conjecturas, as, que se attribuem levanamente a Soares de Passos, e com a mesma inconsciencia, com que o auctor

do *Outomno* e d'outras composições semelhantes ou sou publicar em seu nome o *Firmamento*.

Quando o *critico*, supremo representante da mentalidade portugueza falla d'essa poesia, e a chama—a grandiosa ode de Soares de Passos—rio-me do critico e do plagiario.

Tudo o que antevi e induzi em 1853, e de que é documento essa poesia, que sempre reclamei, se acha hoje confirmado, ou geralmente accete.

Continuemos.

Tem o sol dois movimentos, um de rotação sobre elle-mesmo, na qual gasta 25 dias, menos 12 horas segundo novas observações —e outro de traslação no espaço, dirigindo-se para o grupo das *Pleiadas*, onde se julga existir o enorme astro-centro, á volta de quem executa o seu giro.

Corre n'um segundo sette legoas e para um volume, que excede um milhão de vezes o da terra, é uma rapidez, que assombra, imagine-se qual não será a sua orbita, quando no seu percurso consumme vinte e dois milhões d'annos e melo!

Estas distancias perturbam a mente e comtudo devem considerar-se ainda insignificantes em relação aos movimentos das nebulosas—aquella a que pertencemos, e a que se dá o nome de *vía-lactea*, compõe-se de muito mais de 22 milhões de soes, que Herchell calculou!

Disto o sol 714 billiões de legoas, ou milhas allemaens do astro-centro—a luz propaga-se com a velocidade de 40160 milhas por segundo, e não percorre aquella distancia senão em 527 annos!

O astro, que para nós é a fonte da luz e da vida, separa-se da terra 19 a 20 milhões de legoas—e a sua luz nos chega em 8 minutos.

Qual não será a força residento no astro-centro da rotação solar para que possa influir e uma tão prodigiosa distancia?

Qual não será o seu volume? E essa força poderá ser a atracção, que o proprio Newton não affirmou como se pensa?—será um impulso?—será a electricidade?

Kant e Laplace conceberam a hypothese de que o sol, a terra, e os mais planetas eram na sua origem uma só massa de gazes—mas como já se tinha por certo desde Buffon, que a terra no seu começo estivera em fusão, e portanto que antes havia sido vaporosa, dois estados, que forçosamente deviam succeder se d'ahi se vê que a hypothese de Kant e Laplace não pode deixar de vir á lembrança de todos, por menos pensantes que sejam.

O nosso compendio de phisica em Coimbra era ainda em 1854 o de Beudant, que data de 1822—(Note se o atrazo do ensino universitario, na verdade então miseravel).

Ao ler ahi n'um periodo muito curto, que a terra passara pelo estado de fusão, de repente, quasi sem reflectir, me assaltou a idea que todos os globos do nosso systema, quando eram gazosos, occupariam tamanho espaço, que tocassem uns nos outros, e formassem uma só massa—Nada mais simples.

D'ahi tambem conclui, que se a terra foi já uma chamma e se apagou, se possuiu outr'ora uma

(1) Era o ministro de Belgica.
(2) D. Maria II era já esse tempo casada com Fernando de Coburgo.
(3) Manuel Passos—o chefe setembrista.

temperatura elevadissima, e foi arrefecendo, por analogia rigorosa deve dar-se o mesmo com todas as estrellas e o sol é uma d'ellas.

Se este se foi condensando e reduzindo ao que é actualmente o calor que perdeu pela lenta irradiação nos milhões de milhões d'annos, durante os quaes se condensou, se reduziu tambem a uma quantidade minima em relação á que tinha antes—mas bastante para animar a vida da terra. Vão pois diminuindo a sua luz e calor até que se extinguam.

E' o que diz a seguinte estância do Firmamento.

Então, ó sol, então n'esse aureo throno
Que farás tu ainda,
Monarcha solitario em abandono,
Com tua gloria finda?
Tu findarás tambem—a fria morte
Alcançará teu carro flammeante—
Ella te segue, e prophetisa a sorte
Nas sombras que toldam teu semblante.

Quasi mereço o que me succede com os Passos e os theophilos—tão pouco me apresso em publicar o que penso e escrevo, tanta certeza quero ter de que não sahiram da minha penna frioleiras, chimeras, ou trapalhices, só dignas de serem glorificadas no supremo representante da mentalidade nacional, que não preveni o abuso de confiança de que me queixo, e até deixei de ligar o meu humilde nome a duas das primeiras descobertas do seculo 19, uma a causa da fermentação, que ainda em 1854 na Universidade será attribuida a uma força catalitica—ou occulta—e a outra—que as riscas do espectro solar indicam as substancias existentes no astro. E' d'isto que não posso consolar-me, e não me importariam o sr. Theophilo e as suas Ideias Modernas, se não fossem calumniadas.

(Continua)

Lourenço d'Almeida e Medeiros

O SANFONA

São tres as dôres profundas, qual d'ellas a mais violenta, que, na presente quadra quaresmal, affligem a «Sanfona».

A desgraça nunca vem só, e, por mais habituado que se esteja ao infortunio, quando se sente o pezo d'elle, o desgosto é sempre grande.

FOLHETIM

O PECCININO

OU

O Bandido Nobre

Por

GEORGE SAND

Esta fantasmagoria se lhe tornou tão molesta, que Miguel repulso mais uma vez o cyclaman, persuadido que as emanções eram narcoticas ou venenosas.

Comtudo, não pôde resolver-se a deital-o fóra, foi mettel-o n'um copo com agua e abrindo a janella: «Para que soffro assim, sem causa nem proveito? Será um olhar encantado, a lembrança d'uma festa longinqua que me faz delirar a imaginação e os sentidos?»

Pois bem! se a fantasia é indomável deixemol-a correr livremente; sem duvida, o espectáculo da realidade vai ou extinguir-se ou fornecer-lhe novo alimento. Ou hei-de socegar ou deixarei este soffrimento. Que importa?

—Que tens, Miguel? porque fallas sosinho? lhe diz uma voz docemente, ao mesmo tempo que se entre-abria a porta do seu pequeno quarto. E Miguel voltando-se viu Mila, que, descalça e embrunhada n'um manto escuro, entrava subtilmente.

Nada havia no mundo mais gracioso e amavel do que a irmã de Miguel. Este foi para ella sem-

1.^a—A nomeação de administrador progressista; 2.^a—A falta da mangedoura da *Commixão municipal*; 3.^a—A falta de automovel e herdeiros ricos para explorações.

A causa da primeira dôr attribue-a ao director da «Discussão», a quem se atira, com verdadeiro rancôr, em duas columnas e meia. Nada temos com essa peleja, nem com o partido regenerador local, cuja defeza pertence á sua commissão executiva.

Admiramos, comtudo, a habilidade saloia, com que o «Sanfona», manejando a intriga, vae tentando querer metter a sisania entre os regeneradores.

Ainda não perdeu a louca e antiga esperanza de se arvorar em chefe, o que seria d'um grande alcance para *alguem*.

Dos outros males nós, é que, somos os culpados, assim o affirmo elle.

E' para nós motivo de lisonja reconhecerem-nos poder para interferir nos negocios do Estado, dos da mais alta importancia.

Mas em abono da verdade devemos declarar, que nem sequer de nós se lembraram os membros do actual governo, para pôr em execução uma medida justa e reclamada por todo o paiz, com excepção dos *sanfónas*.

O governo nem sabe que nós que existimos.

Mas o que todos sabem, é que, as taes *commixões* constituiram um dos maiores attentados, senão o maior, ás liberdades e regalias dos povos, constatados no codigo fundamental da nação.

Queria o *sanfona* que o actual governo, promettesse a restauração do imperio da lei, e não desse uma justa e devida reparação ás camaras municipaes eleitas pelo povo e expulsas violentamente por um louco.

E porque?

Porque a *commixão* d'aqui lhe convinha, immensamente, aos seus interesses particulares.

E' sempre a ganancia.

Para satisfazer esta paixão, arvorou-se em defensor da *commixão*, e, todo ancho, diz (sabe Deus com que magoa) «que d'esta vez nada conseguira, e senão ahi estão os livros da camara, que o podem attestar.»

Nós dir-lhe-hemos simples-

pre carinhoso, todavia, o apparecer-lhe n'este momento importunou-o.

—Que vens aqui fazer, Milasinha? Porque não te deitaste?

—Deitar-me, quando ouço o rodar dos côches, e o palacio da princeza se vê todo illuminado, que parece uma estrella? Oh! eu não posso dormir. Meu pai levou-me a prometter-lhe que me deitaria á hora do costume, e de não ir com as outras raparigas observar das portas o baile do palacio.

Deitei-me, e ainda que a orchestra que d'aqui se ouve me fizesse sobressaltar o coração, ia adormecer de vez, quando a minha amiga Nenna veio pedir-me que fosse com ella.

—E tu queres ir? Desobedecer ao teu pai? Andar de noite á volta d'uma casa, por onde circulam creados, vagabundos, mendigos, com uma leviana como a Neuna?

Não vais; a isso me opponho eu.

—Não é preciso tomar esses grandes ares de auctoridade, senhor meu irmão, responde Mila um pouco resentida. Julgaes-me assaz louca para attender a Nenna?

Eu mandei-a embora, já deve estar longe; e ia outra vez a pegar no somno quando vos senti andar e fallar. Cuidei que o pai estava aqui; mas, espregitando pela fenda da porta vos vi sosinho, e então...

—E então, vens tagarellar para não dormir?

—Effectivamente não tenho nenhum desejo de me deitar tão cedo, e o pai não me prohibiu de

mente, que não houve tempo, porque se o houvera...

Apezar de tudo, n'um mez, gastaram-se perto de 800\$000 réis, sem pagar despesas extraordinarias.

Diz o *Sanfona* que não passeia em automovel (que dôr), que não explora inexperientes, porque não se presta para tudo.

Querem-no mais deslavado?!

NOTICIARIO

TEMPO

Vesperas d'uma importante festividade—a dos *Terceiros e tempo bom, tempo de Primavera!*...

Oxalá que elle assim se conserve proporcionando, d'est'arte, ao povo vareiro e aos illustres festeiros, que em tão grande numero, costumam affluir a esta solemnidade, um *dia de rosas*, o que muito contribuirá para que a procissão revista o seu maximo brilho.

São estes os nossos mais ardentes desejos; e, porque confiamos na extrema bondade da *Providencia*, damos, d'ante mão, os parabens á mocidade vareira, d'um e d'outro sexo por *abicharem* um dia esplendido para mostrarem os seus vestuarios de *ver a Deus*...

Que mais querem, oh meninas?... Querem... eu bem sei, querem... mas esperem que o *tempo* lh'o daral...

PESCA

Não houve, durante a semana finda, trabalho de pesca na costa do Furadouro, apesar do tempo ter sido bom.

Regimen da pesca

O sr. ministro da marinha pensa em regularizar o regimen da pesca em Aveiro, assim como augmentar a fiscalisação maritima nas nossas costas com o fim de evitar questões entre os pescadores.

escutar e ver o que além se passa.

Oh! como deve ser lindo! Vê-se melhor da tua janella do que da minha; deixa saciar os meus olhos d'aquella deslumbrante claridade!

—Não, Milasinha; a noite está fria, e tu não vieste bem agasalhada. Vou fechar a janella e deitar-me, e tu faz o mesmo; boa noite.

—Tu deitar! e acabas de te vestir com todo o azeite! Não me dirás para quê? Miguel, tu enganaste-me, tu vais ao baile. Aposto que tens convite, e não mo dizes?

—Convidado?! Não se convidam pessoas como nós para taes festas, minha pobre irmãsinha.

Quando lá entramos é só como operarios e não em côr de amigos.

—Que importa isso, entrando-se lá? Tu entras; e não poder eu fazer o mesmo!

—D'onde te vem essa vontade ardente de vêr?

—Ver o que é bello, não é tudo, Miguel? Quando desenhos uma bella figura eu tenho, talvez mais prazer de olhar para ella do que tu mesmo.

—Mas se tu lá fosses seria sob a condição de estares escondida em algum nicho; porque se dessem contigo, far-te-iam sahir; nem dansavas, nem podias apparecer.

—Não me importava; via dançar, e já era muito.

—E's muito creança; boa noite.

—Percebo que não me queres levar!

—Não, certamente, porque não pode ser. Não serias recebida, e eu teria de brigar com o insolente lacaio que te expulsasse.

Parelha

O «*Sanfona*» correu pressuroso em auxilio do C. do C. porque a camara não concedeu a licença por esta pedida.

Foi uma violencia, diz o «*Sanfona*», que se fez ao C., o que vem acarretar sobressaltos ao governo, por contrariar a politica de *acalmagem*.

O C. do C. diz que não pode assistir ás sessões, por causa dos serviços parochiaes.

Só agora, é que, lhe chegou o prurido de cumprir os deveres de parcho.

Porém nós entendemos, que os parochianos dispensam muito bem os serviços do parcho, e isso já lh'o tem declarado, e com razão, porque o receio do mal é justo.

Final não é só um C. tambem o defensor pode entrar na Cathegoria. *Duo in carne una.*

Festividade de Passos

Realisa-se no proximo dia 29 do corrente, a Festividade dos Passos, d'esta villa.

No proximo numero daremos noticia mais circunstanciada d'esta importante solemnidade.

O MAR EM ESPINHO

—O presidente do conselho e ministro das obras publicas, receberam no dia 12 uma commissão de influentes de Espinho, que foi pedir ao governo immediatas providencias para se evitarem as successivas invasões do mar, que ameaçam destruir a povoação. Os sr. conselheiros Ferreira do Amaral e Calvet de Magalhães prometteram providenciar no sentido solicitado, enviando brevemente a Espinho engenheiros das obras publicas com o fim de, juntamente com a respectiva camara municipal, estudarem as obras a realizar tendentes a impedir as invasões do mar. Parece que essas obras serão de facil execução e o seu custo relativamente diminuto.

CONDE DE SUCENA

Passou na quarta-feira ultima o anniversario natalicio do sr. José Rodrigues Sucena, distincto alumno da Faculdade de Direito e filho dos

—Como! pois não haveria um cantinho onde eu me escondesse? Olha, Miguel, eu cabia no teu armario; e até podia deixar de entrar; se me acompanhasses, eu via da porta, e o nosso pai não se zangava estando eu contigo.

Miguel fizera a Mila uma bella predica sobre a curiosidade pueril, sobre o desejo instinctivo e violento que ella sentia de se inebriar com o espectáculo dos poderosos conterraneos. Esquecia que o mesmo desejo o devorava, anciando por se encontrar só para n'elle pensar livremente.

Mila achou justo quando o irmão lhe dissera que ia coadjuvar seu pai na vigilancia de que estava incumbido; não se absten porrem de saltar um intimo suspiro.

«Vamos lá, disse ella, arrancando se da janella, não devo pensar mais n'isto. A culpa foi minha tambem; por que se eu tivesse previsto este meu tão grande desejo, muito bem teria podido dizer á princeza que me convidasse.

—Pareces louca, no momento em que te julgava rasoavel, Mila! Pois a princeza podia convidar-te, mesmo que tivesse tal fantasia?

—Por que não? não é senhora da sua casa?

Olá! e que diriam estas velhas aristocratas, estes illustres fatuos, se vissem saltar no meio das bonecas suas filhas, a pequena Mila, com collete de velludo e saia de riscas?

—Olha, talvez fizesse melhor figura do que todas essas velhas e novas.

—Pois sim, mas isso não vale,

nobres titulares snrs. Condes de Sucena.

Endereçamos a suas ex.^{as} o nosso sincero parabens.

Diz-se

Que o partido republicano local resolveu ir á urna nas proximas eleições de deputados.

Que brevemente um grupo de rapazes auxiliado pela talentosa actriz Urbana, realizarão uma récita no theatro d'esta villa, revertendo o producto em beneficio do cofre da Phylharmonica Ovarense.

Que sr. Angelo Lima tomou o seu cargo o espinhoso trabalho de ensaiador da *troupe*.

ATTENTADO CONTRA AFFONSO XIII

Uma nota officiosa diz que no dia onze, ao fim da tarde, na occasião em que o rei de Hespanha desembarcava no caes principal de Barcelona, de visita á esquadra austriaca, rebentou um canal com dynamite.

Affonso XIII ficou illeso.

FURTO

A auctoridade administrativa remetteu para juizo, um tal Antonio Maria dos Santos, que diz ser de Campanhã, e é accusado de haver furtado duas saias brancas a Maria Rosa de Jesus, lavadeira, da rua dos Ferradores.

Para o Brazil

Consta-nos que retira brevemente para o Brazil com destino á Agencia que uma importante casa bancaria portuense tem na cidade do Rio de Janeiro, o nosso querido amigo Antonio Valente Comrade, que ha mais de dois annos vinha exercendo, com geral aprasimento, o cargo de recebedor proposto d'este concelho.

Sentimos a resolução do nosso bom amigo Valente Comrade, que nos priva da sua amavel convivencia.

Dejando-lhe todas as felicidades de que tão digno é, muito effectuosamente o abraçamos.

—Bem o sei; mas a princeza é rainha em sua casa; e aposto que me ha-de convidar para o primeiro baile que ella der.

—E és tu que irás pedir-lhe o convite?

—Sem duvida; eu conheço-a, ella estima-me, é minha amiga...

E ao dizer isto tanto se impertigou, tomando ares de importancia tão comicos e graciosos, que Miguel a abraçou, rindo.

Gosto de ver, Mila, que nada temes. E para que hei-de eu desiludir-te? Não tardará que percas as illusões d'essa idade douro. Mas, visto que conheces tanto a princeza, fallemos d'ella um pouco, e diz-me como foi que tão intimamente te ligaste com ella, sem que eu o saiba.

—Ah! Ah! Miguel, chegou-te agora a curiosidade de o saber e até aqui não tinhas nenhuma! Como tardas-te tanto tempo em me perguntar, tambem has-de esperar até que me apraza responder-te.

—Então será pois um segredo?

—Talvez, e que te importa?

—Pouco me importa saber quanto diz respeito á princeza. Tem um bello palacio onde eu trabalho, paga-me, e por emquanto em outra coisa não penso. Comtudo, nada do que interesse á minha irmãsinha, me pode ser indifferente, e não me deve ser occulto, segundo me parece?

(Continúa.)

Clara de Miranda,

ADEGA DO LUZIO

O Luzio, terça-feira,
Vae fazer grande festança.
Oh que grande pagodeiro!...
N'esse dia tudo dança,
Tudo toma a bebedeira!...

Já são mil os convidados,
(Eu não sei se também vou)
Mas os mais afeiçoados,
Vão em MARCHA AUX FLAMBEUAX,
A cantar bonitos fados!...

Uns á frente por divisa,
Apezar do grande frio,
Vão em fralda de camisa.
Porém consta que o Luzio,
Tocará flauta lisa...

Bons vinhos maduro e verde, tinto e branco, gero-
pigas finas, aguardentes, azeite a preços convidativos.

Garante-se a pureza de todos os artigos

ANTONIO DA SILVA BRANDÃO JUNIOR

MERCEARIA PINHO & IRMÃO

-LARGO DA PRAÇA-

Os proprietarios d'este estabelecimento, na certeza de que sempre satisfizeram o melhor possível aos seus freguezes, no preço e qualidade dos seus generos e artigos, convidam o respeitavel publico a visitar o seu dito estabelecimento, onde encontrarão além de todos os generos de mercearia; um variado sortido de miudezas, artigos de papelaria, drogas, tintas, ferragens, artigos de latoaria, vinhos da Companhia e outras marcas, etc. etc.

Tabacos e phosphoros para revender

Deposito do Café Moido Especia

O MELHOR E DE MAIS SAHIDA EM OVAR

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

MONTEIRO & GONÇALVES

PORTO.

NUMERO TELEPHONICO, 737

Esta redacção encarrega-se de todos os trabalhos typographicos



O GABÃO ELEGANTE DE AVEIRO

É e ha de ser sempre o agasalho mais conveniente e elegante contra o Frio, Vento e Chuva e o mais commodo para viagem. E se quereis o verdadeiro só o encontrareis na ALFAIATERIA DA MODA

de ABEL GUEDES DE PINHO

Largo da Praça n.º 46, 47 e 48

— OVAR —

A faiate natura da cidade de Aveiro, veio estabelecer-se em Ovar para poder fazer os Verdadeiros, antigos e elegantes GABÕES ou VARINOS AVEIRENSES mais baratos 2\$000 reis qual-quer outra casa AVEIRENSE.

E' elle o proprio, artista no genero, quem com toda a perfeição e esmero molha e corta todas as fazendas e não eintrega a alfaiates desconhecidos ao seu estabelecimento, como fazem todos os mercadores que trazem annuciado o GABÃO AVEIRENSE.

Lembra V. Ex.ª que não se illudam com esses reclamista, sem consciencia do que annun-ciam, porque alguns até mandam fazer esses gabões a costureiras para os expor á venda no seu estabecimento.

Eu responsabiliso-me pelo seu bom acabamento, para o que tenho pessoal competente-mente habitado, mas se por qualquer motivo o freguez não ficar satisfeito, torna-o a receber sem innemnisção alguma. Todo o gabão elva a marca da casa para evitar enganar.

Tambem os faz a prestações s manaes de 500 reis.

Toma a responsabilidade por toda e qualquer obra sahida e execu-tada no seu estabelecimento tanto para homem como para creança. Forne-cem-se amostras de burel e todas as fazendas proprias para os mesmos GABÕES.

Preços varios em tamanhos e qualidades,

OFFICINA E ESTABELECIMENTO DE CALÇADO

DE

VICTORINO TITEL LIBOA

S. João da Madeira

(Oliveira d'Azemeis)

O proprietario d'esta officina,

vende, em todos os domingos, na praça da hortaliça, d'esta villa, calçado em todas as côres, para homem, senhora e creança; encar-regando-se tambem de executar com esmerada perfeição e modici-dade de preços, toda a encommen-ãa de qualquer obra concernente d sua profissão.

— Sendo preciso, em qualquer dia da semana, fazer-se encom-mendas, o proprietario virá tam-bem a esta villa, a caza dos fre-guezes, que para isso o avizem pelo correio ou pessoalmente

LA VILLE DE PARIS
F. DELPORT, SUCCESSORES EN C.º

Fabrica de corôas
e flores artificiaes

MARCA REGISTRADA
PORTO

Rua Sá da Bandeira, 249

Premiada com medalhas de ouro
em todas as exposições a que tem concorrido

COROAS FUNEBRES

RAMOS para altar.
Grande sortido
de plantas para
adorno. Flôr de laran-
jeira, e todos os apres-
tos para flores.

Telegrammas:
VILLE-PORTO

DEPOSITOS NA PROVINCIA

COIMBRA — Manoel Carvalho
Largo do P. D. Carlos.

FIGUEIRA DA FOZ — José Neves Zuzarte
Praça de Camões.

SANTAREM — Fonseca & Souza.

BRAGA — Pinheiro & C.ª